

PREDIO N.º 45, REGENT STREET.

A MELHOR rua da opulenta e populosa capital da Graã-Bretanha é a denominada «Regent Street»: um dos esplendidos edificios, modernamente construidos, que a aformoseam, é o que representâmos na gravura acima; tem duas frentes, porque faz uma quina ou angulo: por esta estampa comprehende-se bem o desenho da architectura externa.

Ácerca de Londres, acharão os leitores noticias dispersas neste jornal, porque de algumas particularidades, e de notaveis edificios se tem fallado; e os respectivos artigos pelos indices dos volumes se acharão facilmente. Comtudo, para elucidação da materia, transcreveremos o que se lê em um dos nossos viajantes modernos (*). — «A capital [Londres] é a maior da Europa; na sua largura tem oito milhas, cinco na menor, e trinta de circumferencia. Abrange hoje a *City*, exclusivamente do commercio, porque alli se acham as principaes casas de negocio, estabelecimentos para seguros, companhias, a praça, o banco: a cidade de *Westminster*, que é o lado de oeste, a parte moderna, e brilhante nos edificios, ruas, praças, parques e theatros; o bairro de *Southward*, e grandes povoações que antigamente eram aldeas. Marcar-lhe limites é impossivel; não a fecham barreiras, é toda aberta, ha liberdade de sahir, de entrar, de edificar. O rio *Tamisa* a corta pelo meio, e as divisões que elle fórma communicam-se por seis pontes, quatro de pedra e duas de ferro. Todas as ruas, até as da cidade velha, tem passeios lageados, e nas que são feitas de novo chega a havê-los de 20 palmos de largura e com lagens deste comprimento. Para ver a melhor rua de Londres, e talvez do mundo, é ir á chamada *Regent Street*, aonde os edificios disputam uns aos outros o gosto e a magnificencia, e as lojas o

aceio e a riqueza; na qual só para disfarçar uma tortuosidade se fizeram 140 columnas de ferro fundido, formando de cada lado uma arcada, a que chamam quadrante. Muitas tem 200 palmos de largura, e a chamada *port-land place* com 370. Ha porem pequenas travessas unicamente destinadas para cocheiras e cavalherices, que nunca são nos edificios em que se habita, o que muito concorre para o aceio das ruas e das casas.

A maneira de edificar em Inglaterra é de um gosto differente daquelle que se observa em outras partes: elle se recommenda pela sua belleza, variedade, e commodidade. Todas as casas estão separadas da rua por grades de ferro, e em um terço de Londres as de construcção moderna tem na frente e por onde se entra um pequeno jardim defendido por grades de ferro, que seguem o mesmo alinhamento das ruas, as quaes desta fórma parecem as de um jardim. A frente de cada propriedade geralmente não excede a tres janellas, nem a altura a quatro andares. Não se entra por uma escura loja, mas sim por um claro corredor, quasi ao nivel da rua. Todas as portas de entrada tem por cima o que nós chamâmos *bandeira*, que em vez de ser de vidraça é muitas vezes de um só vidro, igual á largura das portas, as quaes são tão ricas, como as melhores interiores que dividem as nossas salas. — Os edificios são de tijolo com paredes singelas, e a sua força principal consiste no madeiramento. Em todos costumam ser as cosinhas, e outras accommodações, inferiores ao chão da rua, recebendo a luz por vidraças e grades de ferro horisontaes, e do mesmo nivel dos passeios lageados, e tal é a educação publica, que ninguem ousa lançar alguma cousa para baixo. — Geralmente as casas pela sua divisão interior são mais pequenas que em Portugal; o que parece ac-

(*) Cinco annos de emigração. Vol. 1.º Cart. 6.ª

commodado aos usos, hábitos, e clima de um paiz extremamente frio: assim tornam-se mais quentes, e como os terrenos, em que se edifica, são aforados por certo numero de annos, não entra no calculo uma longa duração, do que, bem considerado, resultam duas vantagens: se vem um fogo, menos se perde no valor da propriedade; e nas continuadas reedificações lucra a industria. São todas porem de um tal *conforto* interiormente que poucas vezes se póde encontrar em outra parte, pois em procurar as commodidades para a vida ninguém excede os inglezes. . . . Ha todavia edificios muito grandes, e com grandes salas, sobre o que se engana quem só julgar por aquelles em que se alugam quartos a que se chamam *Lodgings*. Nenhuma segue o mesmo risco, mas o mesmo alinhamento; e este gosto variado, unido ao commodo dos passeios faz até que as grandes distancias nada incomodem, antes agradem; e mais agradável vista ainda offereceriam, se sendo pintadas as paredes exteriores em pouco tempo não participassem do fumo, que as escurece todas, de sorte que um estrangeiro á primeira vista recebe impressões desagradaveis porque em paredes de tijolo escuro, sem serem rebocadas, vê muitas vezes portas e janellas riquissimas, o que faz parecer a riqueza ao pé da pobreza.»

D. ALONZO.

(Continuado de pag. 308)

FECHARA-SE por si a grade. . . D. Alonzo alçou o castiçal e illuminou todo o escuro aposento: era uma especie de carneiro de igreja, inacessivel ao esplendor do dia e á bulha externa; todos os trastes consistiam em poucas cadeiras e uma mesa carunchosa, no fim havia uma porta baixa, meia-aberta, que deixava ver os primeiros degraus de escada que mostrava descer a algum subterraneo. — Sentaram-se as duas senhoras olhando em redor com pasmo e perturbação: o mancebo, de pé e perante ellas, contemplava-as com dissimulada curiosidade: a que se chamava D. Anna era alta, trigueira e bonita; mas faltava-lhe aquella viveza ordinaria nas mulheres do sul da Europa, tinha a frieza e immobilidade das physionomias hollandezas: a outra, D. Isabel, era uma senhora moça, de formosas corporeas esbeltas e delicadas, de cabello louro tirante a escuro; a nimia alvura da pelle, e certa frouxidão na postura e piso inculcavam alguma fraqueza physica; mas logo ao primeiro reparo era facil comprehender, pelo metal de voz e expressão dos olhos d'azul cambiante, que tão fragil contextura occultava uma alma energica, cheia de poderosas faculdades, e quem sabe se de implacaveis paixões: na occasião, que a nossa historia refere, dava mostras mais de assombro que de prostração d'animo. Depois de breve pausa disse ella fitando pela primeira vez em D. Alonzo o olhar fixo e altivo.

— «Sois sobrinho de S. R.^{ma}, o conego D. Antonio de Gusman?» —

— «Sim, senhora.» —

— «S. R.^{ma} mandára-me certificar, antes da sua partida, que vigiarieis noite e dia a nossa segurança: eu estava socegada.» —

Este dito muito simples foi proferido de modo que excitou no coração de D. Alonzo um abalo de satisfação e orgulho, pelo que fez uma cortezia sem responder; e a senhora proseguiu.

— «Sabe Deus o que succederá agora lá em cima! . . .» —

— «Estarão saqueando a casa [respondeu tranquillo o mancebo]; tarefa que em breve acabará; antes do romper d'alva nos acharemos desembaraçados.» —

— «Não ha leis, nem justiça neste paiz; e soffrem-se tamanhas violencias?! Em que parte haverá segurança, se ousam atacar e roubar ás claras a pousada d'uma pessoa de respeito, d'uma dignidade ecclesiastica!» —

— «Não era assim em outro tempo; e S. R.^{ma} aqui viveu tranquillo por longos annos, porem ha dias que as tropas desmandadas de D. Henrique vagueiam nestes arredores vivendo de rapinas, sem haver justiça que lhes possa chegar: estão de volta com a presa; amanhã só apparecerão as paredes despidas. Meu tio, quando voltar, hade sentir muito esta desgraça, não por seu respeito, mas por vósso que tereis tão pobre e inquieta hospitalidade.» —

D. Isabel olhou para o mancebo levemente sorrindo-se, e com um gesto convidando-o a sentar-se:

— «Estou satisfeita com o bom acolhimento que me fazem; confio em que algum dia o poderei provar a S. R.^{ma}; e lembrar-me-hei tambem de vós.» —

D. Alonzo inclinou friamente a cabeça: aquella confiança tão affouta lhe beliscava o melindre, parecendo-lhe que, fosse qual fosse a jerarchia da senhora, tinha elle nome e condição que lhe igualava, e que dispensava tão arrogante protecção.

— «Estaremos perfeitamente acauteladas? . . .» — continuou D. Isabel applicando o ouvido, e reparando ao mesmo tempo nas denegridas e grossas muralhas do novo e estranho aposento. — Não é este logar de recreio, mas algumas horas se poderão passar nelle até dormir um pouco. D. Anna, serenai-vos; não estamos prisioneiras; amanhã veremos a claridade do sol. Peiores momentos passámos nos desfila-deiros de Guadarrama, não ha muitos dias. Oremos a Deus, que a noite findará sem desastre.» —

Seguiu-se longo silencio. D. Isabel, reclinando a cabeça no hombro da sua companheira, mostrava-se embebida em meditação profunda, com as mãos delicadas sobrepostas no vestido preto, e todo o corpo descabido em postura de absoluto descanso: não se lhe notava o mesmo no rosto; apenas estava disfarçada a altiva expressão de seu olhar, e a boca entreabria-se com tenue e placido sorriso: dir-se-hia uma creança adormecendo em braços maternos. O gesto moreno e austero de D. Anna contrastava com est'outro tão alvo e sereno. D. Anna, mulher feita mas ainda moça, era mais formosa que a tenra donzella; carecia porem da pureza, magestade e innocencia, que resplandeciam no rosto de D. Isabel. — D. Alonzo pasmado e confuso pela arrogancia, e incuria e paz de espirito destas duas creaturas, de sexo tão fragil e timido, contemplava-as sem atrever-se a pronunciar palavra. Esperára vê-las desvairadas, tremulas, refugiarem-se para junto delle; pensára que a subita e extraordinaria situação a que passaram lhes faria conhecer o desabrigo em que se viam e a propria fraqueza, e as obrigaria a sabir da indifferença com que obstinadamente o tratavam; vendo-as tão socegadas e com tamanha resignação sentia um certo enfado junto a algum respeito.

Não se ouvia estrondo fóra; emmudecera tudo naquella casa, que pareceria uma prisão; com o auxilio d'uma unica e debil luz de véla mal se divisavam as paredes humidas; e o ar que alli se respirava d'algum modo entorpecia a alma e desordenava os sentidos: as duas senhoras experimentaram logo estes effeitos, cahiram em solomnencia vaga; e o mancebo, acommettido de languidez, sonhava de olhos abertos, mas de quando em quando erguia-se

sobresaltado, e reparava nas senhoras immoveis e encostadas uma á outra. Assim decorreram horas.

De repente despertou D. Isabel, e lançando em redor a vista irresoluta, e tiritando, murmurou estas palavras: — «Virgem sagrada, que mal me sinto aqui!... que frio faz!...» —

Levantando-se com algum custo, passou a mão pela testa, como quem quer recordar-se d'alguma cousa, e para repellir o somno pesado que lhe carregava nas palpebras. D. Anna tambem se erguera, dizendo: — «Parece que nos metteram n'um tumulto!» —

— «Julgo que não tarda a sahida [respondeu D. Isabel]: senhor cavalheiro, será talvez tempo de sabermos o que é passado?» —

— «O inimigo vai provavelmente em retirada; avizinha-se a manhaã [disse D. Alonzo, olhando para a vela já muito gasta]; sereis restituída, senhora, á morada dos viventes.» —

— «E não me esquecerei de que me acompanhas até a jazida dos mortos [tornou ella, rindo-se]: vamos, cavalheiro, abri a porta, e reconhecei se não ha perigo que temâmos.» —

Debalde palpou D. Alonzo os élos da grade, ora cautelosamente, ora com vigor e espanto; inuteis eram as suas diligencias. — «Ah excommungado Alonzo!... [bradou elle] de fóra se abre este cancelllo; mas se ha segredo para o abrir por dentro, não o sei eu!» —

Repetidos esforços infructuosos, disse a final D. Isabel — «Não vos afadigueis; vendo que nos conservâmos escondidas, Catharina virá abrir.» —

— «Virá?... [reflectiu D. Anna] e se lhe acontecesse alguma desgraça?!...» —

— «Se a matassem [acudiu D. Isabel]... porventura aqui morreriamos.» —

Terrível era a supposição, e D. Anna tremula, fóra de si, se prostrou de joelhos, orando com fervor e soluçando. D. Isabel porem com som de voz resoluta disse — «Esperemos: Deus será em nosso auxilio.» —

E D. Alonzo continuava a pertender forçar a grade ferrea com as mãos; mas a final cansado e falta de animo, declarou que nem forças de Sansão abalariam os varões do cancelllo. D. Isabel tornára a sentar-se, e de cabeça baixa e mãos postas parecia resar; a companheira, prostrada ao seu lado, cahira como em lethargo. O mancebo no auge do desespero se chegou dellas: —

— «Perdoais-me?... [lhes disse] pertendendo salvar-vos, vos perdi!... Oh que se fóra preciso o meu sangue, a minha vida, para vosso livramento!... Mas nada posso, nada!... nem estalando o craneo d'encontro a essas muralhas horriveis.... Catharina! ah Catharina!... E virá ella, Deus omnipotente, tirar-nos desta sepultura?!...» —

Ouvindo-lhe estas palavras soltas, D. Isabel perdeu o animo, e banhada em pranto lançou os braços ao pescoço de D. Anna: — «Senhor Deus de misericordia, salvai-nos, não nos deixeis perecer aqui de morte tão mesquinha... Ah que será impossivel!... mais valêra cahir prisioneira dos soldados de D. Henrique... Oh noite fatal! noite para mim talvez eterna!...» —

— «Perdoais-me?...» — insistiu D. Alonzo pondo-se de joelhos ante as duas mulheres, a quem e a si mesmo condemnára a sua funesta imprudencia a tão cruel passamento. — D. Isabel desviou a cabeça, e respondeu com voz fraca:

— «Na agonia em que estamos, o meu mais acirrado inimigo alcançaria de mim piedade e misericordia... Sim; eu vos perdôo...» —

Seguiu-se a estas palavras profundo silencio, e o desfalecimento áquella primeira explosão de angustia e pavor; as duas senhoras, pallidas, attenuadas pela oppressora e humida atmosphaera do logar, estavam proximas a desmaiar: eis que D. Isabel de repente clama, movida de subita esperanza: —

— «E aquella porta?!... a porta meia-aberta, lá no fim... alem della ha uma escada...» —

— «E que vai dar aos carneiros da igreja [continuou tristemente D. Alonzo] que estão ha muitos annos bem fechados e sellados.» —

— «Não importa [disse animosamente a senhora] é necessario desce-la... é necessario pesquisar se por ahi teremos meio de salvação. Tenho ouvido contar que por baixo das igrejas, nos jazigos em que os christãos, perseguidos pelos infieis, depositavam os mortos, havia sempre sahidas subterraneas... Mas é preciso appressardes-vos, cavalheiro.» — E apontou para a vela do castiçal quasi consumida.

Lançou elle mão logo do pé de metal que sustinha aquella luz vacillante e amortecida; e empurrou violentamente a porta, dizendo: — «Lá vou.» —

D. Alonzo era valente, comtudo secreto horror lhe descorou as faces e erriçou os cabellos no momento de descer para os funebres carneiros. As senhoras o seguiram com a vista, mas quando a debil claridade do castiçal se desvaneceu no fundo da escada sombria, abraçaram-se estreitamente, e não ousando erguer a voz, nem para rezar, em meio do silencio e das cerradas trevas que as rodeavam, só com soluços e queixumes inarticulados exprimiam suas angustias. De vez em quando levantavam a cabeça, olhavam, escutavam, mas parecia que aquellas abobadas lhes pesavam em cima como as campas dos sepulchros. Durou esta agonia perto d'um quarto d'hora. A final, surgiu uma voz, como do fundo de um abysmo; era de D. Alonzo, que voltava.

— «Os jazigos teem sahida [e vinha subindo]: sois salvas... infindas graças sejam dadas ao senhor do céu e da terra!...» —

Corresponderam-lhe com exclamação prolongada de esperanza e alegria: desceram logo a escada a passos mal firmes, mas ligeiros: D. Alonzo sustinha D. Isabel, quasi que a empuchava, sem dizer nada; segurando na esquerda o castiçal, que despedia então mais viva luz, a qual porem só ardia em meio d'alguns pingos de cera conchegados. — «Acceleremos o passo; pressa» — bradou o mancebo prolongando a vista pelo subterraneo, cujas abobadas, de volta abatida, se firmavam em pilares enormes: á flor do chão, aqui e alli, sobresahiam penedos, comparaveis a phantasmas deitados no pavimento.

— «Onde estamos nós?...» — disse D. Isabel em voz sumida.

— «No crypto da igreja... lá em baixo ha uma abobada em cujo fim descubri um raio da claridade diurna.» —

E no mesmo instante a chamma do castiçal desfaleceu, depois reanimou-se com leve crepitação, allumiou com subito clarão as profundidades do subterraneo, e apagou-se. As duas soltaram um clamor de espanto: D. Isabel encostou-se ao hombro de D. Alonzo, que ousou lançar-lhe um braço á cintura para a suster e guiar, mas sentiu aquelle corpo debil abater-se e cabir sobre o chão humido.

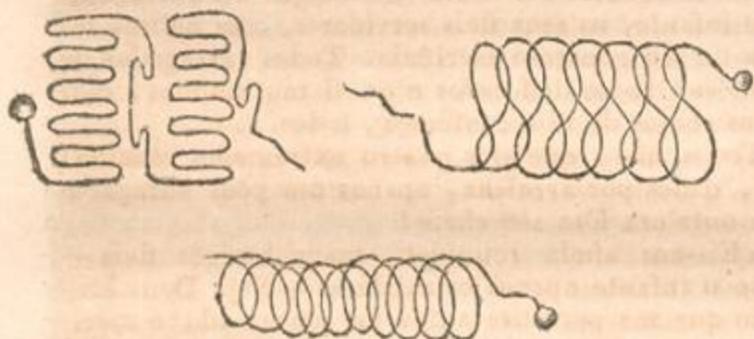
— «Perdeu-se tudo... ella morre!» — exclamou o mancebo, e levantando-a inanimada, como se tomasse nos braços uma creança, se poz a andar na escuridão, entregando-se á Providencia, guia unica que o podia dirigir por caminho que lhe era impos-

sível reconhecer: deu assim volta ao crypto até que sentiu uma viração bater-lhe na cara, e logo topou com a aberta do segundo subterraneo: dahi a instantes raiou a claridade; era a do dia!

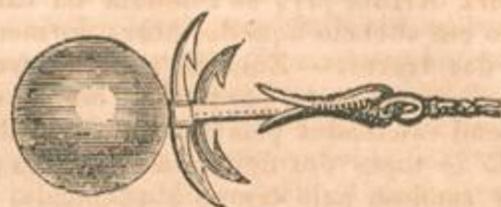
(Continuar-se-ha).

MEIOS DE SALVAR OS NAUFRAGADOS.

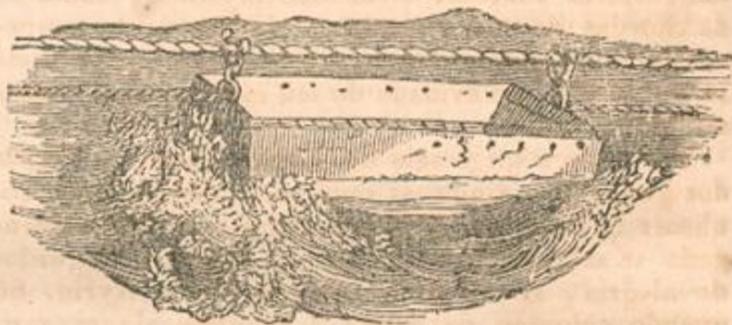
A PAG. 92 do volume 4.^o démos noticia do moderno invento do *bote salvador de vidas*, que com tanto proveito se usa em Inglaterra. Diremos hoje mais alguma cousa, que extrahiremos dos jornaes de utilidade publica, impressos no mesmo paiz. — O capitão Manby, homem que em trabalhos de verdadeira philantropia tem empregado a vida, cogitava os meios de estabelecer communição entre um navio naufragado e a praia, até que se lembrou de empregar para este fim um cabo, passado da praia para o navio, ou deste para aquella. Mas como se realisaria este philantropico pensamento? Achou que juntando á ponta do cabo uma bala e descarregando-a por meio de uma peça de artilheria, se poderia conseguir o resultado, de modo que a corda podesse chegar ao alcance da embarcação, dadas as circumstancias necessarias, e segura no aparelho estabelecesse communição com a terra para livramento das pessoas. O primeiro objecto era enrolar ou dispor o cabo de modo que ao correr promptamente se não embaraçasse, porque o grau de velocidade, que receberia, ou transtornaria a direcção da bala, ou quebraria a corda: recommendam-se para evitar este inconveniente os methodos que demonstram as estampas seguintes.



Todos elles porem requerem tempo e cuidado; e suspeita-se que n'uma grande pressa poderão falhar; e o mais expedito será um cabo de antemão enroscado dentro d'um cesto, de fórma que um homem o possa transportar ás costas rapidamente. — Restava outra difficuldade; prender a bala ao cabo de modo que a inflamação da polvora não queimasse a prisão fazendo-a cair; e achou-se que um cordão de correias de couro fortemente entrançadas era capaz de muita resistencia, não sendo ao mesmo tempo facilmente inflammavel, e gosando de grande elasticidade. A bala segura-se ao couro por um anel ou prezilha ou por um tornilho de pau cavilhado na bala, ou emfim por outro qualquer methodo engenhoso e que mais seguro pareça. Estas duas estampas indicam dois modos de o fazer.

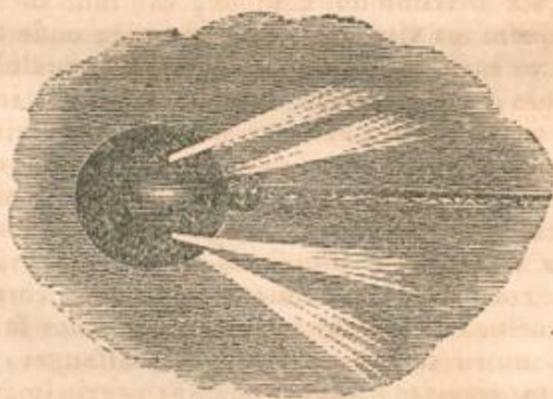


As especies de pegas, como dentes de ancora, facilitam o agarrar-se a bala ao cordame, que é o que se pertende. Se o cabo alcançou o seu destino, a gente que está na praia lhe prende outro muito forte e a este se amarra um cadernal pelo qual passa um cabo menor, cujas duas pontas ficam em terra, formando um aparelho corredio: quando tudo está seguro em ambas as extremidades, faz-se correr pelo cabo grosso o cesto de salvação, especie de berço desta figura



estando fixas em cada extremidade do cesto as duas pontas do cabo menor, de modo que possa ser alado para bordo do navio; e de novo para a praia: destina-se este especialmente para mulheres e creanças: é guarnecido por todos os lados de fachas ou cintas, e tem o fundo de rede fortemente tecida, que deixa escoar a agua.

A fim de que, á noite, seja visivel a passagem da bala, em vez desta usa-se de uma bomba furada com quatro buracos em que vão outras tantas espoletas.



Esta bomba, que está cheia de um mixto combustivel, brilhante como fogo d'artificio, faz bonita vista quando vai despedida pelos ares.

O INFANTE SANTO.

2.^a Parte.

[1437.]

III.

ALVEJAVAM apenas as cumiadas da serra de *Beni-Aros*, quando por uma fria alvorada de Dezembro ampla recova (1) de mouros vomitada pelas portas

(1) Comitiva d'homens a cavallo.

da pescadora Arzilla (2), se estendia na campina, cavalgando em silencio áquellas horas dormentes do descerrar das trevas.—Zumbia o vento fresco da manhã ao perpassar na pardacenta ossada das pedras, semi-calcinadas pela ardencia do estio, e, balouçando os topos dos figueiraes silvestres, parecia gemer saudoso pelo campo abandonado. Começavam a pratear-se por um lado as buligosas ondas do Oceano, e pelo outro as mansas aguas do *Al-charab*, correndo na planicie rasa com mil diversos rodeios e graciosas roscas. Dormia ainda a natureza. Nenhum rumor d'homens perturbava a quietação da paz santa do ermo: sómente a espaços um grito distante d'alguma fera das florestas acordava os echos da montanha e dava signaes de vida ao retiro melancolico, assim abysmado no seu tão quieto repouso. Soluçava o mar oscillando nas praias, e o surdo e vago sussurrar da criação, mal distincto ainda e indefinivel, ondulava nos ares a exhalar-se em suspiros confusos e em sons mysticos, como se as chordas de muitas harpas, diversamente temperadas, houvessem estalado, deixando o espaço todo impregnado da suavidade do seu estremecer e ecoar sonoro.

Diminua o largo seio dos campos debaixo dos pés dos ginetes, e ainda as sombras embargavam o conhecer quem eram os cavalleiros que tão de madrugada se sahiam, quem sabe se a provar folguedos de alegria, se a soffrer afflicções de martyrio. Só quando começou de descer á planicie algum raro pastor alarve, que entoando uma canção devota matava o enjôo da funda e estirada azinhaga, e buscava a cidade para fazer sua provisão de misteres e novidades, por que fosse depois alegrar com uma e outra cousa os laboriosos habitadores dos aduares da serra nos compridos serões do inverno; só quando, digo, estes ignorantissimos porem mui fieis servidores do propheta, desembocando das estreitas gargantas do caminho, paravam quebrando o fio de seu infernalissimo canto, e, levando a mão á fiel azagaia, companheira inseparavel daquelles rudes zagaes, davam com os olhos na cavalgada que a bom picar seguia o trilho dos campos, caminho de Fez, poderia quem os visse dar conta do para onde e como iam os cavalleiros, do seu numero, qualidades e ademanes, e finalmente do genero de suas intenções, ao que parecia pouco aggressivas e guerreiras.

Em magras (3) azimelas, que alguns escravos de pé espicaçavam sem piedade, sem jaezes nem gualdrapas nem sellas, montavam alguns vultos d'homens, que antes chamarieis esqueletos que fórmas viventes. Em roda sobrado numero de mouros corredores, mamelucos e alguns xeques subalternos formavam um muro de longas atareças e alfanges, que impunham respeito, juntos com as negrissimas caras e retorcidos bigodes dos que as levavam — capazes de fazerem medo a quantos veneradores do muito santo e proveitoso Al-coran tivessem feito a sagrada peregrinação de Meca, a mais util e edificante romaria que possa levar-se a cabo desde que appareceram no mundo bebedores de caffè e borrachos do bemaventurado opio. — Tereis já advinhado agora, leitores piissimos, qual era o fito da cavalgada e quem os miseros assim conduzidos no meio daquela turba vil.

«A Fez.—Ao Lasaraque.—Á mais crua vida de tormentos!» — dissera o monstro.

A Fez — ao Lasaraque os levam aquelles escravos sem alma, que vivem e se movem ao simples aceno

(2) O principal negocio dos seus habitantes era a pesca no Oceano e no pequeno rio abaixo citado.

(3) Machos ou mullas de carga.

do seu barbaro senhor.—Á crua vida de tormentos... essa muito ha que os infelizes a arrastavam. Mas o tyranno ponderára bem o requinte de martyrio que ia fazer soffrer ás suas victimas.

De feito imaginai cousa de mór tormento do que este subito volver das sombras á luz levando n'alma a certeza de vos começar captivo novo e mais cruel. Ver ainda uma vez o despontar da madrugada, os campos, as selvas e o sol, que vos parecerão formosos sobre todas as cousas, ainda que vejaes este descorado e triste, aquellas similhando longas fileiras d'ossadas gigantes, aquelloutros, rasos, ermos e nus.—Vê-los para nunca mais os contemplar! Ter de lhes dar a ultima despedida quanto sentis que longos annos de vida vos eram destinados, que se os vivesseis em vez de afogardes o coração em prantos, sorririeis ainda, e muito e por muito tempo, bemdizendo a feitura do universo e o Deus que o creára!... É nesta hora solemnissima em que o homem se demora no extremo umbral da vida a voltar as vistas e a contemplar saudosamente essa tão rica natureza que deixa para traz em sua passagem; é nestes momentos de indefinivel amargura que a alma e a imaginação e os sentidos se prendem, se ligam, se afferram á existencia, ainda no mais resignado, no mais santo, no mais soffredor.

Juntai a este martyrio o outro, porventura mais pungente ainda, de muitos amigos que á hora derradeira se encontram, cruzam vistas lastimosas, e sentem cada um o mal de todos, e todos o mal de cada um!

Bem sabia o alcaide em que conta e veneração era tido pelos seus o illustre martyr, e por isso os mandára fazer juntamente este novo transito para o horto da agonia. No limiar do alcaçar encontraram-se o infante, os seus fieis servidores, e os nobres socios do seu generoso sacrificio. Todos carregados de grilhões, todos deffecados e quasi moribundos, mas todos cheios de fé e confiança, todos...

Todos não, que dos quatro extremados cavalleiros, dados por arrefens, apenas um pôde abraçar o que outr'ora fôra seu chefe!

«Eis-nos ainda reunidos, meus amigos fieis — disse o infante apenas os avistára. — Seja Deus louvado que me permite antes de consumado o sacrificio o agradecer-vos d'alma o que por mim tendes soffrido.»

E dizendo abraçava, em doce e mal sustido derramamento de affectos, o *amo* ancião, o honrado Rodrigo Esteves, que ensopava a longa barba de neve com chôros mudos, e que nem atinava com palavras para exprimir o seu jubilo e a sua magoa. — Jubilo por tornar a ver o filho mimoso de seus cuidados — magoa pelo achar tão opprimido de trabalhos, e tão carregado de cadeias.

Todos á uma se abraçavam, todos derramavam a alma em lagrimas, todos porfiavam em qual mais prompto se chegaria para beijar as mãos do homem de Deus, todos emfim tiravam daquelle encontro novas forças para novas penas.

«Que fazedes, ó meus leacs amigos, que fazedes! — clamava o infante, buscando subtrahir-se áquellas mostras affectuosas de respeito e veneração. — Homenagens que só se tributam ao Deus do céu não as devemos nós profanar na terra. Estes meus braços para todos... vinde, vinde, abraçai-me, deixai que vos estreite ao meu seio... mas nada mais... O meu suave Jesus, não levareis a mal que de vós affaste um momento os olhos para os lançar a estas vossas creaturas a quem devo tanto, e que tanto fazem por merecer vossas misericordias. Fr.

Gil Mendes, honrado mestre Martinho, abraçai-me, uni vossos peitos generosos a este peito cansado.»

E era um espectáculo sobre modo tocante e maiorioso o ver todos aquelles servidores, modelos de dedicação e de honra, lançarem-se nos braços nobres, que lhes eram estendidos, estreitarem ao coração, suffocados e soluçando o peito real do infante, sem distincção de acatamentos factícios, mas com verdadeiro acatamento d'alma, esquecerem seus grilhões e seus martyrios, e o futuro que lhes acenava tão negro e medonho para só attentarem naquelle luminoso momento de sensibilidade, de affectos e de ternura.

Um mancebo unico estava de parte immovel, silencioso, mais palido e cadaverico do que todos os outros, mas tambem arfando-lhe mais o seio, ouvir'ora robusto, escorrendo-lhe mais abundantes pelas faces mirradas as lagrimas ardentes.

Este moço fôra o melhor de quantos nas batalhas seguiam a bandeira do infante. Nunca chorára, não tremêra nunca, nunca um soluço intimo lhe fizera ondular o peito de leão... E estava agora alli a tremer e a soluçar por modo que apiedaria o coração mais ferino.

«João Rodrigues—lhe disse o infante buscando approximar-se d'elle—João Rodrigues, aqui estão tambem estes braços.—Vossos são... vossos foram ainda mesmo nesse tempo de grandezas vaãs que já lá vão... que é isso... immovel ficais?»

O mancebo, cahindo-lhe dolorosissimo olhar sobre os pulsos cruelmente algemados, deixou-se ir com os joelhos a terra, sem outro signal de vida, e sem falla.

Tinham-lhe os escravos por ordem do tyranno quebrado os pulsos e prendido os movimentos, porque no momento de partir, ouvindo injurias ao nobre martyr, menos soffrido e mais caloroso, prompêra em amargas e vehementes reprehensões aos covardes, que não contentes de lhe atormentarem corpo e alma, ainda lhe não poupavam affrontas na ausencia.

Vendo o estranho proceder do moço guerreiro, e depois a mais estranha immobilidade em que ficára, chegou-se o infante para elle; mas attentando no piedoso estado em que o haviam posto os algozes, ergueu mudamente os olhos ao céu e viu-se por entre as sombras reluzir-lhe uma lagrima que na palpebra lhe tremia.

Era a primeira que no captiveiro derramava.

A forte alma que a tanto soffrer resistira, que nem choros de amigos, nem affrontas de inimigos tinham tido poder para obrigar a dar uma só mostra de fraqueza, cedia agora á vista daquelle corpo, dantes valente e robusto, agora quebrado e exaustivo; daquella dor calada, mais eloquente que todos os discursos.

Houve depois um instante em que os dois se contemplaram igualmente mudos, immoveis e absortos na tamanha dor de suas almas.

Eram amigos desde a infancia, companheiros nos brincos pueris, nos segredos da juventude, nas guerras, nos perigos, nos triumphos, e agora nos trabalhos e no captiveiro.

Mussulmanos e christãos choravam todos!

«Martyr—disse o infante, impondo as mãos na cabeça curvada do moço prostrado—martyr desçam sobre essa fronte grande as mais puras bençãos do céu—e cravando depois os olhos no firmamento, scintillando formosamente de estrellas, proseguiu—Acceitai, ó meu Deus, accetai mais este puro incenso de amor, offerecido no thuribulo d'alma tão

bella, tão fervente, e tão vossa... accetai-o e accetai-me estas primeiras lagrimas que na fronte sem macula deste santo derramo... Sejam-lhe ellas orvalho de vossa graça e a mim remissão de faltas que tanto mal causaram. Perdão, meu Deus, perdão... que vos offereço as penas desta hora mais cruas e pungentes que todas as que até aqui hei soffrido... Venceste, venceste, alcaide feroz, julguei eu que tinha esgotado o calix dos tormentos, cuidei esta minha alma armada e defendida contra todos os lances do martyrio e todos os trances de dor... venceste, venceste!... Choro, meus amigos, choro, bem o vedes... nem me envergonho deste pranto... Deus por certo que não exige d'um miseravel homem, d'um peccador deste mundo maior constancia do que póde caber em almas por sua essencia frageis... Em nome do céu eu te abenço, ó martyr... e agora, agora o puro abraço fraterno, porque tu és mais que meu amigo... és meu irmão.»

Os olhos do moço scintillaram com vivo fogo ao ouvir estas palavras. Ergueu a fronte espaçosa e sacudindo os anneis dos compridos cabellos negros, pareceu sentir suave dilatação do seu espirito e doce ufania do coração.

Longo espaço cingiu o generoso infante a formosa eabeça do mancebo com os braços reaes, chorando sobre elle, deslembrado de martyrios, de grilhões, do captiveiro, do passado e do futuro, e unicamente embebido naquella dor terrena, sim, porem santa, grande e nobre alem das maiores e mais nobres.

Era geral a commoção. Os mesmos ferozes mame-lucos, os elches e os almogavares, todos endurecidos nas guerras e na crueza da barbaridade mourisca, limpavam a furto as lagrimas que já não valiam a suster, e que dos olhos lhes cahiam em fio sobre os peitos lisos e polidos de suas couraças.

Subito uma voz soou troando do alto das ameias.

«Parti!»

Dissera a voz tremenda que echoára medonhamente em todos os corações.

«Parti, e ai do que se deixar ir a vis fraquezas!»

Era Çalá-Ben-Çalá que trovejava lá de cima.

E os servos empallideceram todos; arrancaram brutalmente dos braços um do outro os dois extremos amigos, e crivando de injurias e affrontas os pacientes indefesos, como para reconquistarem o favor do barbaro, disseram ferozmente:—«partamos!»—Partiram.

IV.

É dia claro.—Já pelos aduares mouriscos corre a nova de serem christãos e prisioneiros os que entre tanta milicia vão conduzidos. A importante noticia corre, voa, espalha-se, rodeia, e breve de todas as charneças, outeiros, devesas e espessuras sahem bandos d'homens mostrando em suas cataduras ferocissimas a crueldade do coração. Eram alarves da montanha ou habitadores do campo, que ainda cortados do medo do ferro portuguez, pesarosos pelas passadas perdas e sobre tudo excitados por sua natureza rude e barbara, sabiam ao caminho para verem aquelles poucos portuguezes, e vomitarem na sua passagem a torrente de blasphemias e de escarnos de que é sempre prodigo um povo feroz—mormente este que sempre vencido achava agora logar para a salvo tirar ampla vingança. Os gritos, os improperios, as maldigões choviam bastas sobre as victimas que tinham de fazer de suas paciencias um escudo para oppor aos doestos da multidão. Todavia muita vez no transito os olhos dos prisioneiros faiz-

caram cravando-os no populacho insolente e não poucas os mais moços lançaram vistas pesarosas ao lado desarmado.

Crescia a turba e cresciam com ella as pragas e despresos. Qual pegava de um seixo e o arrojava contra as victimas acompanhando-o com juras horrendas; qual amostrando o gume afiado da sua sebla ou agomia vomitava cruas roncarias; qual em fim brandindo no ar a aguda azagaia só recuava o braço pelo medo de ferir algum dos guerreiros de Arzilla. E a grita, o alarido, o vosear confuso e o soido dos adufes (1) que muitos faziam agitar em signal de festa produziam um conjunto de tal discordancia, e horror, que parecia que a abobada dos céus vinha abaixo com tão horrendos clamores.

«Que venham agora os frangues lá de Portugal livrar-vos das nossas mãos, cães infieis» — diziam uns.

«Dizem que o filho d'esses que nos matou tantos bons soldados vem aqui... tomara que m'o mostrassem para ver que tal entra a ponta d'esta azagaia pelas carnes de um christão» — bradava outro.

E por toda a parte no atravessar as aldeas, no correr pelos campos, no romper por tremedaes, algares (2), e assodes (3) os brados perseguidores da multidão acompanhavam o transito dos prisioneiros, dirigindo principalmente o maior peso das blasphemias ao resignado infante, que levando cruzadas as mãos no peito elevava os olhos ao ceu e sorria no meio do trasbordar alto da vilissima indignação da plebe.

Já deixaram para traz as serras de *Calagh* carregando no dorso pampanoso as riquezas dos vinhateiros arabes. Já as aguas da ribeira de *Sebu* lusem apenas como um ponto espelhento nas extremas do campo. Caminham agora por uma lesiria (4) que parece infinita, cortando-lhe o passo, cada vez mais frequentemente, fundas vallas, balseiras e matagaes. (5) Mas ei-los que entram n'um immenso almarge (6) aonde de novo os assaltam os zagaes que alli guardavam seus rebanhos. O mesmo vozear de injurias: a mesma pacifica placidez no martyr.

Porem eis alli a princeza da mauritania. Lá se ergue a cidade das 500 mesquitas, ou antes as duas cidades (7) gemeas que juntas parecem banhar os pés no rio (8) do seu nome e escorregam a par pela encosta das suas montanhas. É *Fez*.

Por agotéas (9) e eirados vê-se ondear a turba matizada que de longe avistara a cavalgada. Vibram no campo os acres sons do arrabil (10) com que os menestreis agarenos acompanham suas trovas. Soa na cidade o rebombo dos atabales e os agudos anafiz que celebram o triumpho dos barbaros.

O nobre infante dando com os olhos na cidade teve ainda saudade do aspecto da natureza, e voltou os olhos. Perto d'elle ia o bom cavalleiro Gomes da Silva, um dos 4 arrefens.

(1) Especie de pandeiro; mais propriamente «aldafe».

(2) Cortaduras.

(3) Presa d'agua, charco, &c.

(4) Este termo tão vulgar entre nós e pelo qual denominamos terras baixas e alagadiças é com tudo de origem arabe. João de Barros usou d'elle como hoje o escrevemos. Duarte Nunes e Faria escreveram «jesira» imitando mais precisamente o vocabulo arabe «Jasirat».

(5) Paúl cuberto de juncos, &c.

(6) Grande prado destinado a pastagem.

(7) *Fez* dividia-se em 2 — *Fez-Bellè* — a antiga e *Fez-Gelide* — a nova. N'aquelle tempo a parte principal era a *Fez-Bellè*.

(8) O rio de *Fez*.

(9) Mirante ou esplanada no alto das moradas arabes.

(10) Instrumento similhando rebecca, com que os poetas vulgares acompanhavam suas cantigas.

«Eis alli o meu ultimo carcere — disse elle brandamente.— Grande mercê devo a Deus que me permittiu ainda contemplar um momento a sua feitura, e lembrar memorias de patria nas pessoas dos meus amigos fieis. Amigo meu fostes vós sempre, D. cavalleiro, e cuido que não enjeitareis este titulo no momento em que nos vão separar talvez para sempre.... Entramos em *Fez*.... Adeus honrado companheiro lembrai-vos sempre de mim e levai memorias minhas aos nobres arrefens nossos socios que os não vejo ora aqui.»

«Só Deus — tornou Gomes da Silva. — Só Deus lh'as póde apresentar n'esta hora!...

«Mortos! bradou o infante. — O Senhor tenha misericordia de mim!»

(Continúa.)

Sobre a vantagem das investigações litterarias e suas relações com o commercio, e outros ramos d'industria.

AINDA que ninguem duvide no presente seculo de que as investigações scientificas são em si mesmas de summa importancia, ha com tudo pessoas, alem de instruidas bem intencionadas, que seguem a opinião de que o cultivar as letras de nada serve aos individuos que se dedicaram a outros ramos de industria, accrescentando até que essa applicação destroe, ou pelo menos diminue, o zêlo e actividade de que tanto carecem os que se dedicam ao commercio e a trabalhos manuaes. Somos de parecer de que esta opinião é tão inexacta quanto sincera, e por tanto nos julgâmos obrigados a rebatê-la pelos deveres a que nos ligâmos. Havendo-nos proposto nesta publicação litteraria a introduzir em todas as classes da sociedade, e mormente entre as mais baixas e desprotegidas, os elementos de todos os ramos de proveitosa instrucção, já se vê que não podiamos deixar passar sem commento e réplica uma asserção que, senão expressa, ao menos tacitamente nos condemnaria, mostrando que a nossa publicação longe de ser util era damnosa.

Os que se pronunciam contra a geral diffusão do conhecimentos, e suas consequencias, tomam por thema um principio falso; isto é, entendem que o gosto pelo estudo é inseparavel da *extrema indulgencia* por este gosto, e que qualquer individuo neste caso despreza todos os demais objectos da vida social. Nada ha mais falso do que semelhante argumento. Sendo os progressos do espirito humano o principal fim do estudo e applicação, quem não vê um tremendo absurdo na supposição de que o homem, á medida que se adianta na estrada das sciencias e se acostuma a raciocinar, vai perdendo o fio dos seus interesses e o gosto pelo cumprimento dos deveres a que está ligado como membro da sociedade?

Muito mais sabiamente discorre um escriptor (1) cujos vastos conhecimentos em sciencias e litteratura, e cuja saã moral e infatigavel industria o habilitam para dar sobre este objecto opinião assentada. — «A constante e natural tendencia da illustração (diz elle) é purificar o espirito, humanar a alma, alargar o fertil e ameno campo da sabedoria, e facilitar o gôso das commodidades da vida — Logo, não póde ter constante e natural tendencia, purificar o espirito, humanar a alma, e facilitar o gôso das commodidades da vida, o que, segundo dizem pessoas mal informadas, diminue ou arruina a industria das classes mais baixas.

(1) M. Henry, de Manchester, philosopho profundo e escriptor elegante.

Verdade é que os cuidados domesticos consomem muito tempo ao agricultor, ao negociante, e ao caixeiro, os quaes embora possuíssem o genio de Camões, Newton, ou Pedro Nunes, nada adiantariam nas sciencias e litteratura por falta de necessario tempo para o estudo. Mas, perguntaremos nós, não haverá meio termo entre estes talentos transcendentales e a supina ignorancia de todas as cousas? Porque um homem não póde escrever Lusiadas, nem os *Principia Mathematica* do restaurador da physica, deve por ventura comparar a lua a um queijo de Wiltshize, ou suppor que a terra é quadrada e chata? Porque não é assaz abalariado para compor em muitos volumes a historia elegante e acabada de qualquer paiz, deve acaso confundir a epocha de Affonso Henriques com a de D. João 1.^o, as ilhas Molucas com as dos Açores, e ignorar que o verbo no plural nunca póde ser regido por um nominativo no singular? Dado que tão crassa ignorancia não seja mui vulgar em pessoas de certa classe ou distincção, quem ousará negar que é a que ordinariamente se encontra em grande parte da povoação de qualquer paiz?

O homem, que empregar utilmente as horas do descanso, jámais desprezará os interesses que possam provir-lhe da sua profissão. Os que só lêem insipidas fabulas e novellas, que ha alguns annos formam a unica instrucção de grande parte do povo, estão, é verdade, sujeitos aos males que tanto se lamentam. Uma leitura sem solidez nem fim algum util, e que apenas nutre a vã curiosidade de pessoas de depravado gosto, faz levianos os homens e mulheres, e ás vezes máus e descuidados nas suas obrigações. Porem os elementos de verdadeira e solida instrucção não podem produzir senão bens a quem os alcançar. Vinham aqui a pêlo algumas reflexões sobre a espantosa immoralidade da nossa era, promovida mais do que tudo pela soltura e desvarios da imprensa. Não vemos annunciadas a cada passo bastardas traducções das mais indecentes e immoraes composições francezas? Não temos já trasladadas em algaravia portugueza as edificativas novellas de Paul-de-Kock, e de tantas outras com que o presente seculo se propoz a regenerar a moral das donzellas e dos mancebos? Não se comprime a alma de ver como á casta dama e ao moço imberbe se apontam como modelos de galanteria e engenho as travessuras de Eduardo e os equívocos de Fifina? Pais, que não oppondes um dique em vossas casas á torrente devastadora que ameaça a existencia social, que direito tendes a que os outros lamentem depois as consequencias de males de que vós sois as primeiras victimas e os primeiros culpados? — Mas paremos aqui

Acha-se já provado de um modo distincto e irrefragavel que não corre o menor perigo, nem para si nem para a sociedade, o mancebo que por meio de progressos intellectuaes acerta de collocar-se em gráu mui superior relativamente a seus pais e nascimento. E tambem é ponto incontroverso que ninguem ha em tão minguadas circumstancias, ou de condição tão ignobil e apoucada, que não possa ser mais util á classe, a que pertence, applicando-se e estudando, do que conservando-se por gosto no lodaçal da ignorancia.

De quantas descobertas uteis não terá sido privada a sociedade pela ignorancia quasi absoluta de muitos dos que se applicaram ás artes e á mechanica? Homens de bastante instrucção tem por vezes lamentado que a maior parte dos tintureiros possuia da chymica escaço ou nenhum conhecimento. Não é menos para sentir que a classe operaria, geralmente fallando, ignore até o nome das sciencias mais connexas, e intimamente ligadas com as artes de que ella tira os meios de subsistencia.

Educar o povo, segundo os principios mais luminosos, é objecto que traz consigo muitas vantagens. Ensina-lo a poupar assim o dinheiro como o tempo, é encaminhá-lo pela estrada da virtude e felicidade. Estas doutrinas longe de atrazarem os homens os tornarão mais assíduos e perfeitos nas profissões a que se dedicarem.

E ainda, pondo de lado as vantagens que resultam da diffusão de conhecimentos scientificos, em todo o rigor do termo, nunca deve escurecer-se que os dias gastos pelas classes baixas na leitura de uteis publicações, são outros tantos que deixam de empregar na crapula e devassidão.

Á instrucção e intelligencia acrisolam os sentimentos moraes de quem taes dons possui. Todos os passos que os governos derem para dotar o povo de tão nobres qualidades, são outras tantas rémoras que oppõem ao vicio, que tão mal se casa com a solida ventura dos governados. Não ha a menor duvida de que se qualquer individuo póde ser feliz sabendo, tambem o póde ser ignorando. Mas quem não conhecerá logo á primeira vista de que lado pende a maior probabilidade de conseguir esse bem? *Post hoc, ergo, propter hoc* é o fallaz, porem muito commum argumento, dos discursadores superficiaes, que tantos males tem gerado. Não negâmos que ha homens que sem saberem lêr nem escrever hão vivido como bons e uteis cidadãos. Esses praticam o bem, não por causa da ignorancia, mas a despeito della. E quem sabe quanto mais felizes e virtuosos seriam esses homens se á sua natural honra e capacidade reunissem as vantagens que consigo traz a solida e aprimorada educação?

Singulares preces por occasião de naufragios. — Lê-se n'um jornal de Verdun, do mez d'Agosto de 1721, o seguinte: — Introduzira-se um abuso mui singular nas igrejas protestantes do eleitorado d'Hannover: havia o costume de fazer preces publicas, sobretudo em tempos de grandes tormentas, para pedir ao céu que as fazendas e outros objectos dos navios, que naufragavam no oceano germanico, fossem arremeçadas pelo mar ás costas maritimas do eleitorado d'Hannover, de preferencia a outras quaesquer, para que dos salvados se aproveitassem os habitantes. O conselho encarregado da regencia deste estado, em ausencia do rei Jorge [que era seu soberano, mas passára a Inglaterra] prohibiu com penas mui severas a continuação de semelhantes preces. — Já o jurisconsulto Valin tinha feito allusão a esta pratica impia e deshumana.

Bibliographia sueca de 1830. — Para se ajuizar do estado moderno das lettras e sciencias na Suecia, daremos o seguinte extracto da obra do major Laing, que se refere a 1830, e é a mais recente que podemos haver. — Nesse anno publicaram-se naquelle reino 120 obras de theologia, 11 de philosophia, 20 de philologia, 32 sobre a educação, 134 de litteratura incluindo 52 novellas, 88 de historia, 30 de geographia, 77 sobre politica, 20 de physica, 20 de medicina, 35 de economia politica, 25 de mathematica, 46 de sciencias juridicas, 4 sobre bellas-artes, 43 caracterisadas com a denominação de *miscellanea*. Havia 80 jornaes politicos, dezenove dos quaes publicados em Stockolmo, afora 20 periodicos sobre varios assumptos, sabindo á luz quinze delles na mesma capital. — O preço dos livros é modico, mas o papel em geral muito ordinario.